

A vida e a obra de Saint-Simon

O nascimento do socialismo

The life and work of Saint-Simon

The birth of socialism

Francisco quartim de Moraes*

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2024.169.010>



Ilustração de autor desconhecido. Reproduzida de <https://www.meisterdrucke.de/>

RESUMO

Ainda jovem, o conde de Saint-Simon (1760-1825) participou da Guerra de Independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa. Posteriormente contribuiu significativamente com o desenvolvimento das ideias políticas e da formação do pensamento socialista. O que ajuda a explicar por que ele foi, durante a Guerra Fria, um dos únicos pensadores homenageados tanto nos EUA quanto na URSS. Não são poucos os estudiosos estrangeiros de suas ideias que as consideram inspiradoras das grandes correntes político-filosóficas do século XIX. O marxismo, o liberalismo, o positivismo, o feminismo e o catolicismo social teriam tido forte inspiração nos seus escritos e nos de seus seguidores. É tempo de trazer para o debate brasileiro, rompendo o desconhecimento quase completo de sua obra, as grandes questões que ela continua suscitando. Qual foi a obra de Saint-Simon? Como isso se relacionou com sua turbulenta biografia? Seria Saint-Simon um socialista ou um precursor do socialismo? Qual foi a influência de seu pensamento sobre o marxismo? Quais são as bases políticas de sua filosofia? São algumas das questões a que objetivamos responder neste trabalho, parcialmente biográfico mas também resultado de uma profunda análise das fontes primárias e secundárias sobre esse autor.

Palavras-chave: Saint-Simon. Marxismo. Socialismo. Positivismo. Revolução Francesa.

ABSTRACT

As a young man, the Count of Saint-Simon (1760-1825) participated in the American War of Independence and in the French Revolution. Later he contributed significantly to the development of political ideas and the formation of socialist thought. It helps to explain why he was, during the Cold War, one of the only thinkers honored in both the USA and the USSR. There are many foreign scholars who consider him the inspirer of the most important political-philosophical currents of the 19th century. Marxism, liberalism, positivism, feminism and social Catholicism have had strong inspiration in his texts and those of his followers. It is time to bring to the Brazilian debate, breaking the almost complete lack of knowledge of his work, the great questions that it continues to raise. What was Saint-Simon's work? How did this relate to his turbulent biography? Was Saint-Simon a socialist or a precursor of socialism? What was the influence of his thinking on Marxism? What are the political bases of his philosophy? These are some of the questions we aim to answer in this work, which is partially biographical but also the result of an in-depth analysis of primary and secondary sources about this author.

Keywords: Saint-Simon. Marxism. Socialism. Positivism. French Revolution.

1. O FUNDADOR DOS FUNDADORES

Se a sociologia reconhecer sua descendência de Saint-Simon mais do que de Comte, ela adquirirá não somente um pai, mas um pária como irmão, o socialismo.

Alvin Gouldner *apud* Durkheim (1959, p. xi, tradução nossa)

Não é preciso concordar plenamente com as ideias de Saint-Simon para rejeitar a imagem meramente depreciativa associada ao chamado socialismo utópico. Fala alto o silêncio sobre o tema, fora da França quase não existem estudos sobre esse autor que, até para entender o Brasil¹, consideramos fundamental. Existem, é claro, valorosas exceções como Carlos Estevam Martins (1975) e Gleison Vieira (2011). A nosso ver, além da influência do pensamento de Saint-Simon no Brasil, faltam trabalhos em português que analisem a relação entre o marxismo e as ideias desse precursor do socialismo. Ainda que possibilite interpretações distintas, a obra de Saint-Simon vincula o estudo da sociedade (ou “fisiologia social”, nos termos dele) à formulação de uma pioneira doutrina socialista.

Existe aí um debate intrínseco sobre a possibilidade de considerar Saint-Simon socialista ou não. Desde logo é sabida a sua classificação pelo cânone marxista como socialista utópico, mas Engels, ao levantar a questão, afirma em seu livro *Anti-Dühring* que Saint-Simon não era socialista pois não questionava a propriedade privada². Ao mesmo tempo, como profundo admirador de Saint-Simon, Engels dizia também que ele possuía “amplitude de visão genial, que faz com que todas as ideias não estritamente econômicas dos socialistas posteriores a ele estejam contidas em germe na sua teoria” (Engels, 1950, p. 299, tradução nossa). Foi no movimento

Lênin, no livro *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*, deu um passo além: para ele, Saint-Simon era marxista antes de Marx: “Ainda estamos longe da realização dessas palavras de Saint-Simon, mas chegaremos lá: isso é marxismo, diferente do concebido por Marx, mas apenas na forma!”

¹ Para mais informações sobre a influência de Saint-Simon no Brasil, consultar a tese de doutorado *Positivismo social: o legado de Saint-Simon e sua recepção no Brasil* (Moraes, 2022).

² Não questionou o caráter da propriedade privada, mas fez outras propostas subversivas. Defendeu, por exemplo, o preceito de que a propriedade deveria ser reorganizada sob o controle do Estado, com vistas a prover o maior número possível de pessoas (Leroy, 1950, p. 231). Também lembramos que foram os discípulos diretos de Saint-Simon, logo após sua morte e antes de Engels e Marx, que se posicionaram pela primeira vez em defesa da socialização dos meios de produção (Bazard; Carnot, 1829; 1830).

saint-simoniano, mais especificamente no jornal *Le Globe*, que surgiram muitos termos caros aos socialistas, como *questão social*, *os trabalhadores* e *classe trabalhadora*, *os miseráveis*³ etc. Terminologia essa que é hoje absolutamente arraigada no pensamento social. Lênin, no livro *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*, deu um passo além: para ele, Saint-Simon era marxista antes de Marx: “Ainda estamos longe da realização dessas palavras de Saint-Simon, mas chegaremos lá: isso é marxismo, diferente do concebido por Marx, mas apenas na forma!” (Lênin, 1960, p. 327, tradução nossa)

Um momento fundamental do estudo sobre as ideias saint-simonianas é o curso proferido por Émile Durkheim na Faculdade de Letras de Bordeaux entre 1895 e 1896. O primeiro curso de Sociologia dado em uma universidade versou sobre esse intelectual francês. Lá Durkheim afirmou que Saint-Simon foi um dos fundadores do socialismo⁴, do positivismo⁵ e da Sociologia (Durkheim, 1928). Durkheim planejava escrever uma longa história do socialismo, com destaque para Saint-Simon e Karl Marx. Mas suas pesquisas o levaram a outros caminhos. Proferiu somente o primeiro curso, que gozou de grande prestígio e foi depois publicado em livro. A importância atribuída a Saint-Simon é tanta que o título original em francês é *Le socialisme: sa définition, ses débuts, la doctrine saint-simonienne* (o socialismo: sua definição, seus começos, a doutrina saint-simoniana) e a versão em inglês é *Socialism and Saint-Simon* (socialismo e Saint-Simon). Dois dos socialistas franceses mais importantes dessa época, Jean Jaurès e Jules Guesde, declararam concordar com Durkheim (Gouldner *apud* Durkheim, 1959, p. xxii). Segundo Marcel Mauss, colaborador de Durkheim, vários dos alunos desse curso se converteram ao socialismo.

Também é notável a influência de Saint-Simon em outras correntes de pensamento importantes do século XIX e XX, em especial no anarquismo (através de Proudhon⁶), em todas as formas de tecnocracia, no feminismo, no fascismo, na doutrina social católica e nas sociais-democracias⁷. Pode parecer exagerado afirmar que Saint-Simon inspirou ou fundou tantas correntes de pensamento tão diferentes entre si. Como encontrar uma unidade entre a teoria da ciência e o socialismo? Entre a Sociologia e o catolicismo? Durkheim respondeu: essas correntes de pensamento, aparentemente completamente diferentes, têm um antepassado em comum (Durkheim, 1959, p. 122).

Mas ele não foi o único intelectual a estudar profundamente Saint-Simon. Entre os muitos autores influenciados por sua obra, encontramos expressões das mais opostas posições políticas: Marx, Engels, Proudhon e Lênin, de um lado, Friedrich Hayek e Alfredo

3 O próprio Victor Hugo, autor de *Os Miseráveis* (1862), foi grande admirador de Saint-Simon.

4 Segundo o dicionário Lalande, a primeira vez que o termo socialismo foi usado de maneira precisa e designando uma doutrina foi na França, em escritos do saint-simoniano Pierre Leroux em 1833. Ainda que ele faça a ressalva de que o termo *socialista* já aparecia na Inglaterra no mesmo período (Lalande, 1926, p. 998-999). Ver também o artigo de Carl Grünberg sobre a origem das palavras socialismo e socialista (Grünberg, 1909).

5 Segundo Durkheim, as “bases da filosofia positivista” podem ser encontradas já em Saint-Simon: “Portanto, é para ele que devemos, com completa justiça, dar a honra dada hoje em dia para Comte.” (Durkheim, 1959, p. 67, tradução nossa).

6 Aos interessados na influência do positivismo no anarquismo de Proudhon, vale consultar o livro de Maxime Leroy *Histoire des idées sociales en France* (Leroy, 1950) e a tese de doutorado de Pierre Ansart, *Socialisme et anarchisme: Saint-Simon, Proudhon, Marx* (Ansart, 1969).

7 Todas essas hipóteses foram exploradas em nossa tese de doutoramento (Moraes, 2022).



Capas de órgãos de imprensa saint-simonianos: Le Globe, L'Industrie, L'Organisateur (século XIX)

Rocco⁸, do outro. Durkheim também não foi o único a atribuir a Saint-Simon a origem de algumas das mais importantes correntes de pensamento do século XIX e XX. Maxime Leroy, historiador e jurista francês, em sua monumental *Histoire des idées sociales en France* (história das ideias sociais na França, obra em três volumes publicados entre os anos 1940 e 1950), afirma: “Não é uma coincidência desprovida de ensinamentos que Saint-Simon tenha sido, entre 1802 ou 1803 e 1825, o primeiro socialista da Era Moderna, o primeiro sociólogo e ao mesmo tempo o anunciador de um novo cristianismo.” (Leroy, 1950, p. 223, tradução nossa)

As pesquisas mais recentes apontam também para essa direção. O organizador de um colóquio internacional sobre Saint-Simon realizado em 2004, Pierre Musso⁹, também lhe atribui papel original: para ele, Saint-Simon seria o “fundador dos fundadores” (Musso, 2004, p. 14). Reforça Musso que as correntes que dominaram o século XIX e XX — liberalismo, socialismo, positivismo, anarquismo e marxismo — foram bastante influenciadas por Saint-Simon. Este também teria contribuído com a origem de várias disciplinas, como as Ciências Políticas e a Sociologia (Musso, 2004, p. 10). Não nos interessa estabelecer quem foi o “criador” dessas teorias. Bem se sabe que o pensamento não avança só com iniciativas individuais, mas com a continuidade coletiva. Se reforçamos a originalidade de Saint-Simon, o fazemos para concatenar cronologicamente ideias importantes para a compreensão dos séculos XIX e XX e mostrar a importância desse autor, por vezes esquecido. Dada a falta de estudos específicos em nossa língua, resolvemos fazer um estudo de sua vida e obra.

8 Rocco foi o principal articulador da união dos nacionalistas com os fascistas que deu origem ao Partido Nacional Fascista. Presidente da Câmara dos Deputados, autor da lei sindical de 14 de abril de 1926, ministro da Justiça e amigo de Mussolini, foi também o principal redator da *Carta del lavoro*. Em sua juventude, “o arquiteto do estado fascista” foi ávido leitor de Saint-Simon (Tarquini, 2017).

9 Especialista em Saint-Simon e professor na Télécom Paristech (Escola Nacional de Comunicações da França, que faz parte do Institut Polytechnique de Paris) e na Universidade Rennes 2.

Fonte: <https://gallica.bnf.fr/>

2. VIDA E OBRA DE SAINT-SIMON

*Toda a Europa está se massacrando, e o que você está fazendo para parar essa carnificina?
Nada, eu afirmo!*

Saint-Simon (1813, p. 40, tradução nossa)¹⁰

Claude-Henri de Rouvroy, o conde de Saint-Simon, nasceu em Paris no dia 17 de outubro de 1760. A primeira passagem de sua vida que merece uma observação é sua recusa em fazer a primeira comunhão, atitude que não deveria ser comum em meados do século XVIII. Sua rebeldia contra o pai (Balthazar-Henri de Saint-Simon-Sandricourt) lhe valeu um confinamento no convento de Saint-Lazare. De lá só saiu graças à intervenção de uma tia, iniciando então seus estudos com o eminente enciclopedista D'Alembert.

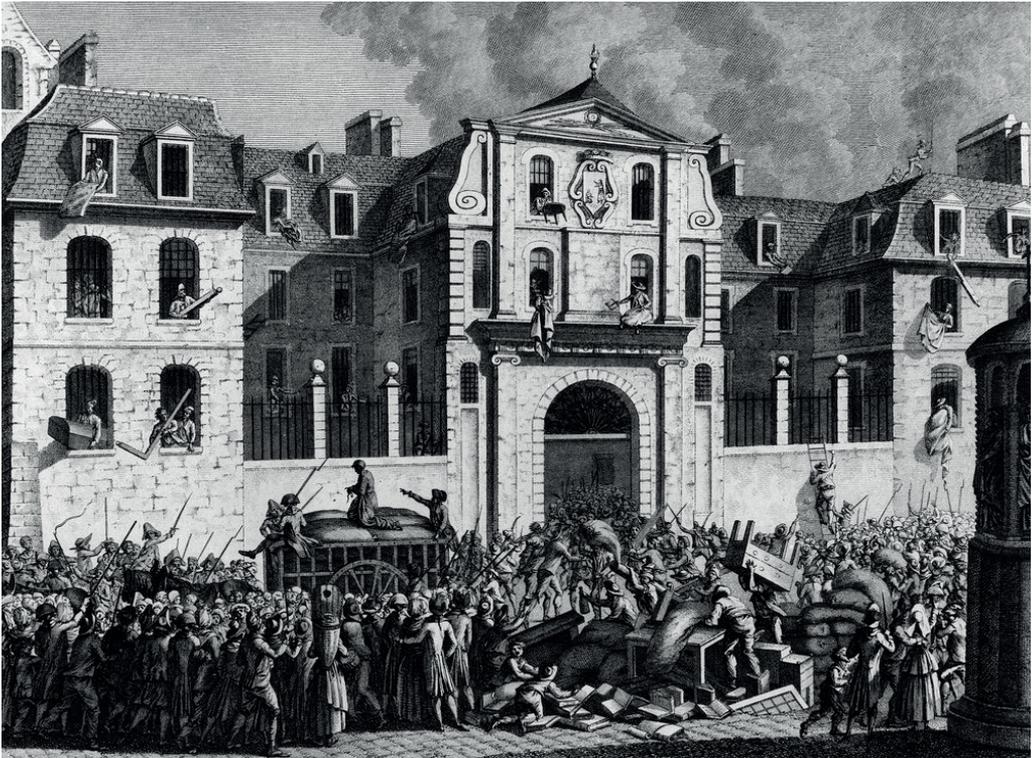
Em 1779, o jovem nobre Saint-Simon partiu para os Estados Unidos para participar da Revolução Americana. Lá, foi ferido, condecorado e preso pela Marinha Britânica ao tentar retornar. Antes disso, no México, ele defendeu a criação de um grande canal que ligasse o Pacífico ao Atlântico (Reinach, 1926, p. 113)¹¹. Seu desapareço pela violência já aparecia; segundo ele, sua ida para os Estados Unidos foi para lutar pela liberdade industrial e para se ocupar de “ciências políticas, e não de táticas militares”. A guerra não lhe interessava, o ofício das armas o enojava (Saint-Simon, 1951, p. 55, tradução nossa). Só saiu da prisão na Inglaterra e retornou para a França depois de firmados os tratados de paz.

Sua família não escapou ao processo de pauperização da nobreza francesa. Consta que seu pai e mãe tiveram um final de vida pobre, o que fez Saint-Simon trabalhar para ganhar a vida. Com o início da Revolução Francesa, datado de 5 de maio de 1789, Saint-Simon começou a participar de atividades revolucionárias. Em novembro de 1790, o conde jacobino Claude-Henri de Saint-Simon foi nomeado pelos camponeses de Falvy presidente da assembleia. Em seu discurso, ele proclamou: “Não existem mais senhores, cavalheiros; aqui nós somos todos iguais, e, para evitar que o título de conde vos induza ao erro de crer que tenho direitos superiores aos vossos, eu vos declaro que renuncio para sempre a esse título, que enxergo como bastante inferior ao título de cidadão [...]” (Saint-Simon, 1951, p. 13, tradução nossa)

Fez ainda outros discursos revolucionários, pela igualdade na humanidade e contra o Antigo Regime. A historiografia nota que ele participou ativamente de sociedades jacobinas, embora os seus seguidores tenham escondido os documentos que provavam essa relação, talvez pela aparente contradição entre os seus textos pacifistas e a participação em movimentos violentos. Conforme a revolução se desenvolvia, a aliança entre o campesinato pobre e a burguesia revolucionária foi se firmando. Uma das reivindicações era a distribuição de terras, em especial as propriedades da Igreja Católica, detentora de enormes latifúndios. Essas terras começaram a ser confiscadas e vendidas como “bens nacionais”, Saint-Simon contraiu empréstimos, comprou essas terras, partilhou-as e vendeu-as pelo mesmo preço da aquisição, de modo que camponeses com menos recursos pudessem ter acesso a elas (Leroy, 1950, p. 199-200).

¹⁰ Em 16 de março de 1813, a Prússia declarou guerra à França de Napoleão Bonaparte.

¹¹ Um pouco mais tarde, proporia ao rei da Espanha a construção de um enorme canal que ligasse Madri ao mar. As grandes obras públicas eram uma obsessão desse filósofo francês.



Gravura de Berthaut retrata pilhagem do convento de Saint-Lazare, em Paris, levada a cabo por revolucionários em 13 de julho de 1789. Saint-Simon estudou nessa instituição

Na revolução travou novas amizades com intelectuais como Babeuf e Condorcet¹². Dois homens que, junto com D'Alembert e com o abade de Saint-Pierre¹³, foram grandes influências em seu pensamento (Saint-Simon, 1951, p. 14-16). Babeuf, o principal articulador da Conspiração dos Iguais, tentou radicalizar socialmente a revolução. Por defender o fim da distinção entre ricos e pobres, passando por cima inclusive da propriedade privada, foi guilhotinado em maio de 1797. O clima de ameaças levou Saint-Simon a se afastar das disputas políticas, e no processo se tornou um dos grandes industriais franceses. Desenvolveu então um jogo de cartas revolucionário, no qual o rei seria um intelectual genial, as damas, a liberdade, e os valetes, a igualdade. Logo após esse período de enriquecimento, sua vida passou a ser agitada por lutas políticas. Por causa de uma de suas empresas no ramo do transporte público e de suas posições em defesa da paz, Saint-Simon participou de uma série de reuniões em 1797, que buscavam o fim do conflito entre Inglaterra e França. Terminou preso em 4 de setembro de 1797, sob a acusação de que suas empresas serviam clandestinamente aos interesses da realeza.

Essa foi a primeira vez que ele foi preso na França, seus textos de protesto foram publicados em vários jornais e não é exagerado dizer que ele quase foi guilhotinado. Quando Napoleão Bonaparte assumiu de vez o poder no famoso 18 Brumário, Saint-Simon, já em liberdade, tentou se afastar da política, acreditando que a revolução continuaria seu rumo. Saint-Simon passou a enviar seus textos para Napoleão tentando influenciá-lo politicamente,

¹² Babeuf o inspiraria com suas ideias radicalmente revolucionárias de igualdade e Condorcet, com seu republicanismo e sua concepção da ordem e do progresso social.

¹³ O abade de Saint-Pierre (1658-1743) foi um defensor da paz perpétua e de organizações internacionais reguladoras. É considerado um dos precursores da ONU.

pois achava que uma das maneiras de transformar a sociedade era educando os poderosos. Mas sua confiança foi sendo minada pela realidade e pelo tempo. Reafirmou a sua profunda convicção republicana em face da transformação do regime bonapartista, que caminhava para uma espécie de monarquia hereditária. Para ele, a guerra justa que travara Napoleão, representando a revolução ilustrada contra a Europa feudal, havia degenerado em uma guerra imperialista de conquista.

Sua análise da Revolução Francesa diferia da dos autores liberais, que defendiam 1789 como o fim de um processo. Saint-Simon achava que a revolução não havia terminado, que mal havia começado, e que nada no processo histórico era estático. Para ele o objetivo da revolução e do contrato social que dela deveria emanar tinha de ser a felicidade social. Não a liberdade ou a igualdade formal, que seriam ideias demasiadamente abstratas. Segundo ele: “Agora, a vaga e metafísica ideia de liberdade, como está em circulação hoje, se continuarmos a tomá-la como base das doutrinas políticas, irá tender eminentemente a impedir a ação das massas sobre os indivíduos.” (Saint-Simon, 2013, p. 2348, tradução nossa) A felicidade social só viria com uma organização social sólida que defendesse o interesse da maioria.

3. AS CARTAS DE GENEBRA E A DEFESA DA PAZ

A nação francesa não gozará de liberdade enquanto conservar o desejo de dominar as outras nações [...]. A primeira medida a ser tomada para estabelecer a liberdade é, portanto, dispensar o exército pago.

Saint-Simon (2013, p. 1847)

Entre 1802 e 1803, na Bélgica, Saint-Simon publicou sua primeira obra completa, *Lettres d'un habitant de Genève à ses contemporains* (cartas de um morador de Genebra a seus contemporâneos). Quando saiu seu primeiro texto, ele já tinha mais de 40 anos de idade, e toda a sua obra, portanto, pode ser considerada da maturidade. Nela, afirmou que a Revolução Francesa fora uma luta de classes entre a nobreza, a burguesia e os sem-posses. Engels, em *Anti-Dühring*, lhe fez grande elogio ao dizer que aquela foi uma das descobertas mais geniais (Engels, 1950, p. 298). Ele voltou a falar das cartas de Genebra no livro *Do socialismo utópico ao socialismo científico*¹⁴, onde ressaltou o preceito saint-simoniano “Todos os homens devem trabalhar!”, também expressou a importância da ideia de que durante o período da Revolução Francesa conhecido como Terror governaram as massas despossuídas.

Saint-Simon defendia a história como ciência, ressaltando a importância da indústria, que seria um demonstrativo do momento histórico de determinada sociedade: “É na indústria que residem, em última análise, todas as forças reais da sociedade.” (Saint-Simon, 1803 *apud* Droz, 1972, p. 338, tradução nossa) Sua definição de indústria englobava todas

¹⁴ Uma tradução mais literal do título desse livro seria: *O desenvolvimento do socialismo da utopia à ciência*. No título original, em alemão, o substantivo socialismo ocorre uma única vez. Essa correção traz uma mudança dialética, o título na tradução consagrada em português faz referências a dois tipos de socialismo separados, enquanto nossa tradução do título original, *Die Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft*, remete ao mesmo socialismo se desenvolvendo da utopia à ciência ao longo da história. Saint-Simon e Marx se inscrevem em momentos diferentes do desenvolvimento do mesmo socialismo. Por isso a tradução oficial em português, ao separar o socialismo em dois objetos, obscurece a dialética da passagem da utopia para a ciência. Não é mera disputa semântica, sem Saint-Simon não existiria o marxismo, ao menos não esse que conhecemos.

Ele apresenta uma sociedade ideal, sem indicar o modo de chegar lá, ainda que algumas medidas práticas sejam mencionadas, como o fim da herança. Outra concepção importante nessas cartas é a ideia de que as mudanças na ordem social implicavam mudanças nos regimes de propriedade. Por isso a Revolução Francesa seria a disputa dos proprietários com os que não possuem. É notável que já em 1803 ele defendesse o sufrágio universal assim como a possibilidade de eleição feminina

as forças produtivas de determinada sociedade, todos que cumprissem papel produtivo; excluía-se os nobres, rentistas e especuladores. Essa concepção é importante, parte dela sua noção de harmonia social: burgueses e proletários fariam parte de um grupo cujo interesse seria o de desenvolver as forças produtivas. A oposição entre capital e trabalho, fundamental na teoria marxista, não se manifesta na concepção inicial saint-simoniana¹⁵.

Na introdução do texto há um discurso para os sábios, cientistas e artistas, outro para os burgueses, que ele chama de senhores, e um discurso para os proletários, que ele chama de “meus amigos”. Ele apresenta em seguida uma sociedade ideal, sem indicar o modo de chegar lá, ainda que algumas medidas práticas sejam mencionadas, como o fim da herança¹⁶. Outra concepção importante nessas cartas é a ideia de que as mudanças na ordem social implicavam mudanças nos regimes de propriedade. Por isso a Revolução Francesa seria a disputa dos proprietários com os que não possuem. É notável que já em 1803 ele defendesse o sufrágio universal assim como a possibilidade de eleição feminina: “É permitido às mulheres se inscreverem; elas podem ser nomeadas.” (Saint-Simon, 1803, p. 77-78, tradução nossa)

Nesse texto fica evidente a convivência entre o materialismo e concepções religiosas. De um lado ele afirma que Deus é criação do homem, por outro lado ele se utiliza de conceitos religiosos, pois Deus seria a única ideia que estimularia o ser humano a seguir o preceito de amar o próximo. Pode parecer contraditória sua defesa do uso das religiões se considerarmos que ele havia afirmado não acreditar em Deus¹⁷. Uma hipótese que levantamos para elucidar essa aparente incongruência é a de que Saint-Simon identificava na Igreja

15 Ainda que, ao longo do tempo, Saint-Simon tenha modificado ligeiramente sua posição. A realidade política concreta o levou a se afastar da grande burguesia e dos industriais, passando a se dirigir cada vez mais aos trabalhadores.

16 A defesa do fim das heranças era direcionada tanto às heranças nobiliárquicas como às heranças financeiras. Marx e Engels retomariam essa fórmula em 1848, no *Manifesto comunista*.

17 “O homem, depois de inventar Deus, se enxerga como um ser muito importante [...]. O pensamento é uma atração material: ele é o resultado do movimento de um fluido nos nervos.” (Saint-Simon, 1951, p. 23)

a principal forma de organização social da época; aliás, *ecclesia* em grego significa “assembleia”. Outro ponto fundamental para se compreender a defesa do uso da religião era o fato de que Saint-Simon viveu em uma França ainda majoritariamente camponesa e analfabeta. O uso de subterfúgios como jogos revolucionários e uma “religiosidade científica e solidária” era um modo de dialogar com as massas através de linguagens já conhecidas. Ele defendia, no entanto, a completa separação entre poder temporal e espiritual.

Começou então um momento difícil para Saint-Simon; vários trechos de seus textos são usados por inimigos para difamá-lo, alguns amigos e pupilos começam a se afastar dele, em especial aqueles ligados aos grandes industriais. Toda a sua fortuna foi sendo gasta na publicação de suas obras e no mecenato em prol de intelectuais e artistas franceses. Isso só parou quando seu dinheiro acabou. Segundo Durkheim, em 1797 ele era um homem bastante rico e em 1805 já não tinha mais nada. Acrescenta Durkheim que ele perdeu sua fortuna de maneira consciente (Durkheim, 1959, p. 76).

Saint-Simon passa a pedir ajuda para amigos e conhecidos. Seu prestígio não serve para quase nada e muitas portas se fecham para ele. Finalmente consegue uma indicação e passa a trabalhar como copista, revisor e empregado de uma livraria. Nesse período ele junta dinheiro para publicar suas obras. Em 1807, em sua *Introduction aux travaux scientifiques du dix-neuvième siècle* (introdução aos trabalhos científicos do século XIX), ele reafirma seu ateísmo, dizendo-se materialista, mas sustentando que o conceito de divindade ainda seria politicamente importante, por ser a melhor maneira de motivar politicamente as pessoas e de promover legislações positivas para os trabalhadores (Saint-Simon, 1951, p. 23). Vale notar que Saint-Simon propõe uma ciência que sirva à humanidade, e é notável o seu desejo de melhorar objetivamente a condição de vida dos mais pobres. O momento de agitação revolucionária seria propício a esse fim.

Um dos motivos para sua já citada profunda desilusão com Napoleão foi a insistência do imperador em seguir guerreando: Saint-Simon não renunciava à paz entre os povos. O estabelecimento de uma relação pacífica entre Inglaterra e França foi uma obsessão que lhe trouxe muitos problemas, mas também muita admiração. Em *Mémoire sur la Science de l'Homme* (memória sobre a Ciência do Homem¹⁸), de 1813, ele fez mais um apelo enérgico à paz direcionado aos militares, políticos e cientistas:

Que direito você tem de ocupar neste momento o lugar da vanguarda? A humanidade se acha engajada em um dos momentos de maior crise desde o começo de sua existência, mas qual esforço você faz para acabar com essa crise? Toda a Europa está se massacrando, e o que você está fazendo para parar essa carnificina? Nada, eu afirmo! É você quem aperfeiçoa os meios de destruição; é você quem direciona o seu uso. Em todos os exércitos, vemos você na direção da artilharia; e é você que está conduzindo a execução do ataque! O que você está fazendo, pergunto de novo, para reestabelecer a paz? Nada. O que você pode fazer? Nada. O conhecimento da Ciência do Homem é a única coisa capaz de liderar a descoberta de meios para reconciliar o interesse das pessoas, e você não estuda essa ciência de nenhuma maneira... Pare de dirigir o laboratório científico! (Saint-Simon, 1813, p. 40, tradução nossa)

O alcance de sua desilusão era expandido a todos que poderiam lutar pela paz mas

18 O termo *Ciência do Homem* era utilizado por Saint-Simon para se referir ao que foi, depois, consagrado como Sociologia. O termo Sociologia foi inventado por um de seus alunos, Augusto Comte.

não o faziam. O caminho, para ele, era claro: reorganizar a sociedade. Ao mesmo tempo, continua com sua tática de ilustração dos poderosos, enviando seus livros para o czar Alexandre I e para o rei Luís XVIII (após a Restauração), implorando que esses reis promovessem uma “monarquia científica e industrial”. Também se corresponde com políticos de menor expressão, como deputados, e industriais. Para ele, a felicidade da humanidade era também uma questão de escolha dos detentores do poder econômico e político.

Em 1814, ele lançou um texto: *De la réorganisation de la société européenne*¹⁹. Ele aí preconiza para a Europa um parlamentarismo que respeitasse as fronteiras e as independências nacionais. Também passa a advogar que se crie um congresso franco-inglês cuja preponderância seria inglesa, pelo fato de seu parlamentarismo ser

mais antigo. Defende também a criação de uma assembleia geral europeia (instituição criada em 10 de setembro de 1952, quase 140 anos depois de sua proposta). Nela as nações estariam submetidas a um conjunto de regras que submeteriam as soberanias nacionais ao interesse universal dos povos, de modo a construir a paz perpétua²⁰.

Dizia que, para se obter a paz, França e Inglaterra deveriam ter uma moeda comum, bancos em comum e um pacto comercial. Nessa sua visão de Europa, não deveriam existir armas. Diversas organizações mundiais deveriam atribuir a Saint-Simon parte de sua gênese: a Internacional, a ONU e o Parlamento Europeu são os exemplos mais notáveis. O livro de Saint-Simon foi apreendido e censurado pela polícia de Luís XVIII. Sua insistência em defender a paz com a Inglaterra no país que havia sido derrotado por ela em Waterloo exigia coragem, o que levou Engels a mais uma vez elogiá-lo fortemente (Engels, 1950, p. 298-299).

Além da paz entre os povos colonizadores, Saint-Simon defendia também a paz na relação entre colônias e metrópoles. Não compactuava com os que defendiam a paz na Europa enquanto exploravam as riquezas coloniais à custa de sangue indígena e negro. É também, portanto, um dos precursores do anticolonialismo e das lutas de libertação colonial. Ele até aceitava a ideia de colônias de povoamento, desde que fosse permitida a emancipação quando elas o desejassem, usando como exemplo os Estados Unidos e ressaltando que a Inglaterra errou ao ir à guerra. Ele irritou extremamente a oligarquia francesa ao defender em 1816 a imediata emancipação das colônias francesas de exploração (Saint-Simon, 1951, p. 104-105).

19 O título completo era: *De la réorganisation de la société européenne: de la nécessité et des moyens de rassembler les peuples de l'Europe en un seul corps politique en conservant à chacun son indépendance nationale* (Da reorganização da sociedade europeia: sobre a necessidade e os meios de reunir os povos da Europa em um único corpo político, mantendo a independência nacional de cada um).

20 Ele remete à ideia desenvolvida pelo abade de Saint-Pierre, que visava obter a paz perpétua e mundial (Leroy, 1950, p. 226-230).

Não compactuava com os que defendiam a paz na Europa enquanto exploravam as riquezas coloniais à custa de sangue indígena e negro. É também, portanto, um dos precursores do anticolonialismo e das lutas de libertação colonial

Juntando sua verve anticolonial e seu pacifismo, defendeu também a extinção dos exércitos regulares. Segundo ele: “A nação francesa não gozará de liberdade enquanto conservar o desejo de dominar as outras nações [...]. A primeira medida a ser tomada para estabelecer a liberdade é, portanto, dispensar o exército pago.” (Saint-Simon, 2013, p. 1847, tradução nossa). Ficam evidentes aí ideias que seriam caras aos socialistas e comunistas ao longo da história: o internacionalismo, o anticolonialismo, a solidariedade e a defesa da paz entre os povos. Preceitos cravados no principal mote dos comunistas, “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”, e na letra da Internacional.

4. A RADICALIZAÇÃO POLÍTICA

Pois os únicos homens cujos trabalhos são positivamente úteis à sociedade são subordinados pelos príncipes e outros governantes que não passam de conservadores mais ou menos incapazes.

(Saint-Simon, 2012, p. 2123, tradução nossa)

A partir da publicação de seus textos e da polêmica que eles geravam, Saint-Simon ganhou algum espaço na imprensa. Em um artigo publicado em fevereiro de 1815 na revista *Le Censeur*, ele formulou uma primeira definição original de partido político:

Um partido é organizado quando todos aqueles que o compõem, unidos por princípios comuns, reconhecem um líder que concilia todos os movimentos e dirige todas as operações, para que haja unidade tanto na ação como nas opiniões, e a fim de que, conseqüentemente, a força do partido seja a maior possível (Saint-Simon, 1951, p. 27, tradução nossa)²¹.

Saint-Simon sustentava que a ideologia não era suficiente para constituir um partido político, mas que uma classe social teria de encontrar a ideologia apropriada para desenvolver suas reivindicações por meio de um partido. A partir do segundo semestre de 1815, enquanto os aristocratas pareciam vitoriosos com a restauração da monarquia, Saint-Simon e outros intelectuais começavam a desenvolver planos de educação e tentar aplicá-los através das *sociétés d'instruction primaire* (sociedades de instrução primária)²². Nelas os alunos mais velhos ajudavam a ensinar os mais novos, uma espécie de monitoria repetida pelos colégios até hoje, que ele chamava de *enseignement mutuel* (ensino mútuo)²³.

Em 1817, ele conhece um ex-aluno da Escola Politécnica, Augusto Comte, que, entre 1818 e 1824, passa a ser seu aluno e secretário pessoal. Um dos primeiros trabalhos em conjunto da dupla foi a publicação de uma revista chamada *L'Industrie*. Uma das finalidades dessa revista era a criação de consciência de classe no grupo industrial (não só industrial) francês. Vale ressaltar que industriais ou industriosos, para Saint-Simon, eram todos os pro-

²¹ Há semelhanças com o conceito de centralismo democrático e com a visão de partido de Lênin.

²² As mais antigas associações de ensino francesas, datando de 1815, voltadas para as camadas mais pobres da sociedade e visando à criação de escolas. Uma de suas principais diretrizes era a ideia de que a educação é o principal meio para formar uma sociedade justa e virtuosa. Entre os primeiros diretores dessa empreitada estava Saint-Simon.

²³ Existe um livro, escrito por Gleison Vieira, focado na relação entre as ideias de Saint-Simon e de seus epígonos e os desenvolvimentos no campo da educação (Vieira, 2020).

Ele nega importância social apenas aos nobres e aos burgueses que vivem de renda e sem trabalhar. Seu inimigo é o capital financeiro especulativo, que ele não confunde com o sistema bancário que invista em produção

dutores; assim como um artista, um produtor agrário era, em seu conceito, um industrial. Aliás, segundo Maxime Leroy e Eric Hobsbawm, foi Saint-Simon quem inventou a palavra *industrial*, em 1817 (Leroy, 1950, p. 206; Hobsbawm, 1980, p. 47)²⁴. O termo designava todos os que produzem. Segundo Saint-Simon:

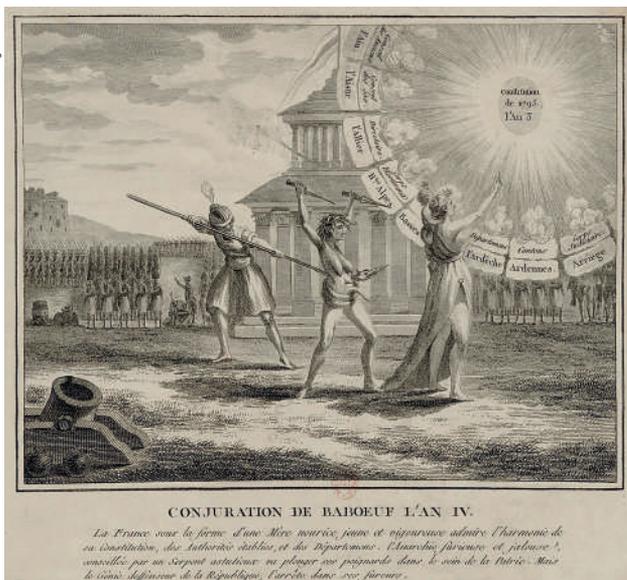
Observo que é essencial dar à ideia de trabalho toda a latitude de que ela é capaz. Um funcionário público de qualquer tipo, uma pessoa envolvida na ciência, nas artes plásticas, na manufatura e na agricultura trabalham de forma tão positiva como o trabalhador que lavra a terra, como o carregador que leva os fardos (Saint-Simon, 1817 *apud* Leroy, 1950, p. 201).

Ele nega importância social apenas aos nobres e aos burgueses que vivem de renda e sem trabalhar. Seu inimigo é o capital financeiro especulativo, que ele não confunde com o sistema bancário que invista em produção. Ele deseja acabar com a exploração dos que trabalham pelos ociosos. Aos que não produzem, Saint-Simon dedica palavras fortes: parasitas, preguiçosos e ladrões. Aqueles que são somente proprietários, ele rejeita como ociosos (Leroy, 1950, p.206). Os saint-simonianos usavam a terminologia *exploradores* e *explorados* (Mazerolle, 2006, p. 122).

Saint-Simon trocou a fórmula clássica de respeito à propriedade e aos proprietários pela de respeito à produção e aos produtores. Para ele, os banqueiros que investiam em produção eram industriais, mas, organizados em companhias, deveriam distribuir crédito aos mais necessitados, aos que mais trabalhavam, aos produtores mais ativos e inteligentes (Leroy, 1950, p. 208-210). Suas ideias passam a ser consideradas radicais e, se até certo ponto os burgueses acompanhavam a teoria de desenvolvimento industrial, quando ele começou a defender com maior veemência a melhora objetiva da classe trabalhadora, passou a ser considerado perigoso. Até porque, além de se opor ao lucro extravagante dos burgueses e industriais, ele ainda se opunha à nobreza. No ano de 1819 ele escreveu *La Parabole* e publicou o trabalho em sua revista chamada *L'Organisateur*. A radicalidade do discurso é evidente:

A sociedade atual é um verdadeiro mundo invertido. A nação admitiu como princípio fundamental que [...] *os menos favorecidos se privem diariamente de uma parte do seu*

²⁴ Segundo Pierre Musso em entrevista à rádio France Culture, Saint-Simon teria inventado também o conceito de vanguarda (*avant-garde*).



Cartoon político francês deprecando a Conspiração dos Iguais, 1796, liderada pelo jornalista revolucionário François-Noël (Gracchus) Babeuf

necessário para aumentar o supérfluo dos grandes proprietários. Os maiores culpados, [...] que espremem a totalidade dos cidadãos [...], estão encarregados de punir os pequenos delitos contra a sociedade. A ignorância, a superstição, a preguiça e o gosto pelos prazeres dispendiosos formam o privilégio dos chefes supremos da sociedade, e os que são capazes, econômicos e trabalhadores só são empregados como subalternos e como instrumentos [...] os homens incapazes são os encarregados de dirigir os capazes; os homens mais imorais, chamados a formar a virtude dos cidadãos, são os grandes culpados designados para punir os erros dos pequenos delinquentes (Saint-Simon, 2012, p. 2123, tradução e grifos nossos).

Saint-Simon imagina uma situação hipotética em que desapareceriam 30 mil dos principais intelectuais, poetas, produtores agrários, industriais e trabalhadores, prevendo o desastre que isso seria para o país. Segundo ele:

Suponhamos que a França perca subitamente os seus 50 melhores médicos, os seus 50 melhores químicos, os seus 50 melhores banqueiros, os seus 600 melhores agricultores, os seus 50 melhores ferreiros [ele continua aqui enumerando hipóteses de exclusão dos principais profissionais da indústria]. Como esses homens são os franceses mais essencialmente produtivos, aqueles que dão os produtos mais importantes, a nação tornar-se-ia um corpo sem alma no momento em que os perdesse; cairia imediatamente num estado de inferioridade em relação às nações de que é hoje rival e continuaria a ser subalterna a eles (Saint-Simon, 2012, p. 2120, tradução nossa).

A hipótese de perda dos 30 mil produtores mais importantes dizimaria a França. Mas ele segue com a analogia, imagina uma situação em que desapareceriam 30 mil dos nobres, políticos e usuários mais importantes da França, incluindo sem diferenciação os 10 mil franceses mais ricos. Ele cita, nominalmente, os membros da família real, concluindo que o desaparecimento deles causaria tristeza, mas que, economicamente, o Estado não sofreria. Para ele, a função da sociedade é a organização e o desenvolvimento da produção das

riquezas²⁵. Esses “chefes supremos” ou “ladrões gerais”, os “homens mais imorais” roubando a sociedade, seriam absolutamente dispensáveis. As classes produtivas e as classes ociosas corresponderiam a um corte histórico entre o passado e o futuro, e, enquanto durasse essa disputa, burgueses industriais e proletariado deveriam estar unidos.

A reação provocada por esse texto nos nobres e na alta burguesia francesa é imediata, o texto é classificado como uma ameaça à ordem social. Essas são as acusações que constam do processo sofrido por Saint-Simon, que é preso, como bem lembra Lênin ao recuperar essa parábola (Lênin, 1970, p. 667). Considerado elemento subversivo, ele é levado a julgamento em março de 1820²⁶, poucos meses após a publicação de *La Parabole*. Uma das acusações foi de que o texto teria estimulado o assassinato do duque de Berry²⁷, ocorrido em fevereiro de 1820, por tê-lo citado como um dos nobres cujo desaparecimento não seria prejudicial ao país. A acusação era absurda: o assassino foi o militante bonapartista Louis Louvel, preso em flagrante e executado quatro meses depois. Mas ainda reverberava no pescoço da nobreza francesa o medo do fio gelado das guilhotinas da revolução.

5. O TRABALHO E OS TRABALHADORES

A cada um segundo suas capacidades, a cada capacidade segundo suas obras.

Divisa do jornal saint-simoniano *Globe*²⁸

A defesa dos mais pobres é central em Saint-Simon, ele deixa isso claro várias vezes e isso assustava os grandes industriais. Por exemplo, em uma de suas cartas de 1822, com o título de *Henry Saint-Simon à messieurs les ouvriers* (Henry Saint-Simon aos senhores operários), a primeira frase é: “O principal objetivo a que me proponho nos meus trabalhos é o de melhorar tanto quanto possível a vossa situação.” (Saint-Simon, 2012, p. 2628, tradução nossa) Mas em alguns trechos transparece certa perspectiva oligárquica. Ele, por exemplo, defende a ideia de que as massas têm de ser educadas através da religião, pois as luzes racionais ainda não os podiam iluminar.

De fato, existe uma preponderância do trabalho intelectual sobre o braçal defendida inicialmente pelo autor francês. Por outro lado, Karl Marx argumenta que somente em seu último livro, *Nouveau christianisme* (novo cristianismo), de 1825, Saint-Simon se apresenta diretamente como porta-voz da classe trabalhadora (Droz, 1972, p. 346). Já Maxime Leroy sustenta que em 1818 ele já havia pensado e redigido as bases do que seria o socialismo moderno (Leroy, 1950, p. 201). Para nós, a tendência de Saint-Simon era defender cada vez mais os trabalhadores. Sua própria situação de isolamento em relação aos grandes industriais

25 Aí um aspecto original do pensamento saint-simoniano: para além da distribuição justa das riquezas, lhe interessava o desenvolvimento dessas riquezas.

26 Foi preciso grande empenho dos advogados de defesa de Saint-Simon para inocentá-lo. Os gastos jurídicos levaram a revista *L'Organisateur* à falência, e ele próprio, que um dia possuía fortuna, à beira da indigência.

27 Sobrinho do rei Luís XVIII e filho do futuro rei Carlos X.

28 No original: *A chacun selon ses capacités, a chaque capacité selon ses oeuvres*. Esse era a forma inicial dessa frase no movimento socialista do início do século XIX. Ao longo do tempo ela foi sendo alterada. Quando Marx debate essa frase na primeira parte da *Crítica ao programa de Gotha*, em maio de 1875, ela aparece como: “De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades” (Marx, 2012, p. 28; 70; 76-82).

e potentados da política francesa o empurrava para esse lado. Reforça essa tese uma afirmação, repetida ao longo de toda a sua obra: “Toda a sociedade deve trabalhar para a melhoria moral e física da classe mais pobre; a sociedade deve organizar-se da forma mais adequada para atingir esse objetivo.” (Saint-Simon, 2012, p. 3185, tradução nossa)

Para Saint-Simon, a tendência social era que os industriais (em seu sentido amplo, de produtores) terminariam por ser “a única classe existente” (Leroy, 1950, p. 214). Frase retomada por Karl Marx posteriormente, trocando *industriais* por *proletariado*. A diferença era que Saint-Simon defendia uma grande coalizão de produtores (sentido extenso), enquanto Karl Marx se definia pela associação dos operários. Essa diferença passa pela identificação de quais produtores seriam úteis à sociedade.

Para Saint-Simon, são as leis que devem proteger os mais fracos dos abusos dos mais fortes, esse é o papel do Estado: “O princípio dos militares é que a sociedade deve se deixar governar pelos mais fortes. O princípio dos burgueses ou das comunas é que a lei deve ter por objeto proteger a sociedade da dominação dos mais fortes.” (Saint-Simon, 2012, p. 1732, tradução nossa). Para nós existe uma virada em sua orientação política e em seu público, cada vez mais associados aos trabalhadores. Segundo Saint-Simon, os trabalhadores já não necessitavam de supervisão especial, pois sua inteligência e capacidade de previsão estavam suficientemente desenvolvidas. Essas posições, levando-se em conta o contexto em que ele as assumiu, diminuem a importância em sua obra de atitudes oligárquicas em relação aos trabalhadores. Depois de Saint-Simon, os pobres, cuja única função anteriormente era receber as esmolas de caridade, passam a ser agentes da produção e do progresso político e social, transformam-se em atores sociais: os trabalhadores (Leroy, 1950, p. 232)²⁹.

Existe um processo de revalorização do trabalho na sociedade, ponto fundamental de sua obra, que gira o tempo inteiro em torno desse tema. No cerne de sua interpretação está uma releitura favorável ao trabalho (e aos trabalhadores), em franca oposição à concepção corrente no Antigo Regime de que o bom era não trabalhar. Para ele, o trabalho é um dever social, aquilo que torna a humanidade humana: devia-se trabalhar pelas necessidades da vida, não somente no sentido pessoal e estreito de garantir a sua existência, mas no sentido amplo de desenvolver e melhorar a sociedade como um todo. Para Saint-Simon, “o trabalho não é mais considerado como um castigo original mediante o qual a massa dos homens é condenada pela glória de Deus” (Saint-Simon, 2013, p. 1557, tradução nossa). O trabalho não é mais coisa de servo ou escravo, mas o modo como se desenvolve a humanidade. Conforme as aspirações de Saint-Simon vão se tornando mais claras, os industriais franceses, que até então o apoiavam, passam a odiá-lo. O objetivo deles era o aumento de sua lucratividade, não uma distribuição justa das riquezas. É uma das primeiras vezes em que se escancara a luta de classes entre burgueses e proletários, afinal estamos falando de poucos anos pós-Revolução Francesa.

Projetando seu pacifismo na luta dos trabalhadores, Saint-Simon desaconselha o uso da violência pelo proletariado. Além da paz entre nações e da paz entre metrópole e colônias, ele defende a paz social no interior das sociedades. O que não restringe a defesa dos trabalhadores feita por ele a uma simples melhora da condição de vida. Para Saint-Simon, a exploração de uma classe pela outra não deveria ser diminuída, mas abolida: “Para melhorar a sorte

²⁹ Contribuiu para essa visão o economista e historiador Jean Simon de Sismondi, cuja importância reside nas análises sobre o proletariado e sobre a relação da geração de valor com o trabalho. Leroy (1950) dedica um capítulo de sua *Histoire des idées sociales en France* a esse autor.

Em abril de 1825, ele publicou sua última obra: *Nouveau christianisme* (novo cristianismo), uma convocatória aos intelectuais para que utilizassem o cristianismo primitivo, única moral solidária realmente conhecida pelas massas, para direcionar a fraternidade católica em prol do proletariado

da massa, não é suficiente trocar os privilégios, devemos destruí-los completamente, não é suficiente trocar os abusos, é preciso os abolir.” (Saint-Simon, 1821 *apud* Droz, 1972, p. 346, tradução nossa) Ele sustentava que um Estado forte deveria garantir o trabalho aos válidos e o socorro aos inválidos; é dele que começa a emanar essa ideia do trabalho como um direito que toma sua força maior na Revolução de 1848 (Reinach, 1926, p. 115). Durante o movimento, Proudhon, remetendo a Saint-Simon, afirmava que o “nome” da Revolução de 1848 era “Direito ao Trabalho”; ele foi rapidamente seguido por Louis Blanc, que também repetia a frase do movimento saint-simoniano, já adaptada por ele: “De cada um segundo suas capacidades e a cada um segundo suas necessidades.”³⁰ (Reinach, 1926, p. 115, tradução nossa) O único ponto em que concordavam os diferentes grupos socialistas franceses reunidos em torno de Proudhon, Cabet, Pierre Leroux e Louis Blanc era o “direito ao trabalho”. É, pois, direta a ligação entre a teoria de Saint-Simon, os socialistas franceses e o direito dos trabalhadores.

A ideia da associação era central no pensamento saint-simoniano: segundo ele, a nação deveria ser encarada como “uma vasta oficina industrial, onde os trabalhos de cada membro se combinam com o trabalho dos outros” (Saint-Simon, 2013, p. 1686, tradução nossa). Em sua visão, a “sociedade é o conjunto e a união dos homens engajados em trabalhos úteis” (Saint-Simon, 2012, p. 1468, tradução nossa), em oposição às doutrinas segundo as quais a sociedade se constitui conforme o interesse dos governantes. A nova sociedade preconizada por ele “deve combinar a associação conforme o interesse da maioria dos associados” (Saint-Simon, 2013, p. 2426-2427, tradução nossa). Nas mãos do movimento dos trabalhadores, a ideia teve uma evolução importante. Em suas primeiras manifestações, na década de 1830, ela significava associações de produtores, sociedades de ajuda mútua, entre outras formas organizativas. Mas a repressão, seguida das devastações provocadas pela mudança tecnológica e pela exploração capitalista, transformou *associação* em uma palavra-chave para a resistência de classe (Harvey, 2015, p. 477). Como já mostramos, Saint-Simon defendia uma ideia ainda mais radical, a de uma associação universal englobando toda a

30 Essa frase, cuja origem remete à Bíblia, foi amplamente utilizada pelo movimento saint-simoniano, mais especificamente no jornal *Le Globe* e por Bazard e Carnot. Cada pensador socialista a adaptava segundo suas concepções; ela foi reiterada, entre outros, por Étienne Cabet, Claire Démar, Proudhon, Louis Blanc, Ferdinand Lassalle e Karl Marx. Também constava na Constituição Soviética de 1936.

humanidade. Não chegou a formular uma tese tão sintética quanto “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”, nem lançou uma Associação Internacional dos Trabalhadores. Mas acreditava que, de tentativa em tentativa, a humanidade chegaria a uma associação universal promotora da paz (Leroy, 1950, p. 230). Segundo o autor: “Não faz sentido uma sociedade sem ideias comuns, sem ideias gerais: cada pessoa ama sentir os laços que a vinculam aos outros e que servem de garantia da união recíproca.” (Saint-Simon, 2012, p. 1506, tradução nossa)

6. CONCLUSÃO DO TEXTO E DA VIDA DE SAINT-SIMON

Honra a nós, filhos da indústria! Honra, honra a nossos felizes trabalhos!

Rouget de Lisle, *Chant des industriels* (canto dos industriais), 1821

Já mencionamos a tentativa de Saint-Simon de influenciar figuras importantes na vida política e industrial francesa e mundial. Enquanto enviava cartas para o rei Luís XVIII, ele publicou a primeira e a segunda parte de *Du système industriel* (do sistema industrial), onde ele clama por um sistema industrial e científico organizado por uma ditadura republicana que aboliria todos os privilégios de nascimento. Posição que agredia tanto nobres como burgueses, e até seu correspondente, o rei, o qual, como esperado, se mostrou contrário (Saint-Simon, 1950, p. 33-34). A sociedade³¹ ideal de Saint-Simon teria caráter nacional e popular, e, sem gerar interesse na oligarquia, ele direciona seus esforços aos operários, elaborando uma espécie de tentativa de conscientização musical que chama de *Chant des industriels*. O primeiro canto foi composto por Claude Rouget de Lisle, compositor de “A Marselhesa”, a pedido de Saint-Simon. Esse esforço de conscientização musical se somava ao baralho revolucionário como método alternativo de ilustração das massas. A perspectiva de fundação de um “novo cristianismo” também registra seu esforço de divulgação política de sua filosofia. A dificuldade imposta pela falta de alfabetização das massas e pelo incipiente grau de desenvolvimento das camadas mais exploradas, aliada à vontade de ser compreendido por todos, levou Saint-Simon a pensar em diversas formas educacionais não convencionais.

A tática de enviar seus escritos para pessoas específicas também era um método de pedir ajuda: além do texto, ia uma carta solicitando ajuda financeira. Na maioria das vezes não obtinha resposta, mas em março de 1823 ele recebeu de um amigo uma quantia de cerca de 5 francos. Sem dinheiro, isolado e deprimido, Saint-Simon deixou uma carta pedindo que os amigos cuidassem de sua companheira, a situação econômica dos dois beirava a indigência. O nobre que havia se tornado um rico industrial viveu anos na base de pão e água e não tinha nem lenha para queimar no inverno. Até que, no fatídico 9 de março de 1823, desesperado, Saint-Simon disparou uma bala contra sua própria cabeça. Segundo seu biógrafo: “Mas a morte recusa aquele que ama a existência com tanto ardor: ela não leva a sério um único ato de desespero; o cérebro não é tocado, só o olho direito é perdido.” (Dautry *apud* Saint-Simon, 1951, p. 37, tradução nossa)

O pacifista que dizia que o ofício das armas o enojava, que defendeu uma sociedade europeia desarmada, a extinção dos exércitos e a paz perene e mundial só apontaria uma arma para si mesmo. Ele voltou a escrever e, entre dezembro de 1823 e junho de 1824, publicou três

31 Um saint-simoniano famoso, Pierre Leroux, se recusava a usar o termo sociedade, considerado por ele demasiadamente abstrato. Ele defendia o uso do termo humanidade no lugar daquele (Leroy, 1950, p. 242).



Pintura de François Bouchot retrata o 18 Brumário (9-10 de novembro de 1799), golpe de Estado protagonizado por Napoleão Bonaparte

livros de nome *Catéchisme des industriels* (catecismo dos industriais), em direta colaboração com Augusto Comte. Uma briga levou os dois a romperem, e o quarto e último livro foi escrito sem colaboração. Em abril de 1825, ele publicou sua última obra: *Nouveau christianisme* (novo cristianismo), uma convocatória aos intelectuais para que utilizassem o cristianismo primitivo, única moral solidária realmente conhecida pelas massas, para direcionar a fraternidade católica em prol do proletariado. Assim a sociedade se mobilizará para “melhorar as condições da classe mais numerosa”³² (Saint-Simon, 1825, p. 39, tradução nossa).

No dia 19 de maio de 1825, completados seus 65 anos, Saint-Simon morreu. Foi enterrado no tradicional cemitério de Père-Lachaise, ao lado de heróis da Revolução Francesa. Em sua tumba simples e hoje em dia coberta de limo está escrito: “Claude-Henri Rouvroy de Saint-Simon. *Economiste*.” Seus amigos e companheiros de luta foram os únicos presentes, nenhum membro da família Saint-Simon compareceu ao enterro. Consta que seu amigo Léon Halévy teria declarado naquele dia, ao lado da tumba: “Ele dormiu sonhando com a felicidade pública.” Em maio de 1825, parou de funcionar um dos mais importantes cérebros da passagem do século XVIII para o XIX, cuja influência, difícil de estimar, alcança os nossos dias. Que se estude Saint-Simon menos do que outros autores, não mais importantes do que ele, não deixa de ser um sintoma de insuficiências em nossa vida intelectual.

* Doutor em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Autor do livro *1932: a história invertida* (Ed. Anita Garibaldi, 2018).

► Texto recebido em 22 de dezembro de 2023; aprovado em 13 de maio de 2024.

32 A expressão *mais numerosos* é recorrentemente utilizada por Saint-Simon para definir as massas pauperizadas.

ANSART, Pierre. **Socialisme et anarchisme**: Saint-Simon, Proudhon, Marx. Tese (Doutorado em Letras) — Faculté des Lettres et Sciences Humaines de la Université de Paris, Paris, 1969.

BAZARD, Saint-Amand; CARNOT, Hyppolyte (Org.). **Exposition de la doctrine de Saint-Simon**. Paris: Première Année, 1829.

_____. **Exposition de la doctrine de Saint-Simon**. Paris: Deuxième Année, 1830.

DROZ, Jacques. **Histoire générale du socialisme**: des origines à 1875. Paris: PUF, 1972.

DURKHEIM, Émile. **Le socialisme**: sa définition, ses débuts, la doctrine saint-simonienne. Bordeaux: Jean-Marie Tremblay, 1928.

_____. **Socialism and Saint-Simon**. London: Routledge, 1959.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**. Paris: Editions Sociales, 1950.

_____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Global, 1986.

GRÜNBERG, Carl. Origine des mots “socialisme” et “socialiste”. **Revue d’Histoire des Doctrines Économiques et Sociales**, v. 2, p. 289-308, 1909.

HARVEY, David. **Paris, capital da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.

HOBBSAWM, Eric (Org.). **História do marxismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1980. v. 1: O marxismo no tempo de Marx.

LALANDE, André. **Vocabulaire technique et critique de la philosophie**. Paris: Quadrige; PUF, 1926.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Cahier de l’impérialisme**. Paris; Moscou: Editions Sociales; Editions du Progrès, 1970. t. 39.

_____. **Œuvres**: decembre 1915-juillet 1916. Paris; Moscou: Editions Sociales; Editions en Langues Etrangères, 1960. t. 22.

LEROY, Maxime. **Histoire des idées sociales en France**: de Babeuf à Tocqueville. Paris: NRF, 1950.

MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MAZEROLLE, Fabrice. **Histoire des faits et des idées économiques**. Paris: Gualino, 2006.

MORAES, Francisco Quartim de. **Positivismo social**: o legado de Saint-Simon e sua recepção no Brasil. 2022. Tese (Doutorado em História Econômica) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

MUSSO, Pierre. **Saint-Simon et le saint-simonisme**. Paris: PUF, 1999.

_____. (Org.). **L’actualité du saint-simonisme**: Colloque de Cerisy. Paris: PUF, 2004.

REINACH, Salomon. **Lettres a Zoe**: sur l’histoire des philosophies. Paris: Librairie Hachette, 1926. v. 3: De l’Encyclopédie a nos jours.

SAINT-SIMON, Claude-Henri de. **Du système industriel**. Paris: Antoine-Augustin Renouard, 1821.

_____. **La physiologie sociale**: œuvres choisies par Georges Gurvitch. Paris: PUF, 1965.

_____. **Lettres d’un habitant de Genève à ses contemporains**. Geneve, 1803.

_____. **Mémoire sur la Science de l’Homme**. Paris, 1813.

_____. **Nouveau christianisme**: dialogues entre un conservateur et un novateur. Paris: Lachevardière Fils, 1825.

_____. **Œuvres choisies**. Paris: PUF, 2018.

_____. **Œuvres complètes**. Paris: PUF, 2012.

_____. **Textes choisis**. Paris: Edition Sociales, 1951.

TARQUINI, Alessandra. ROCCO, Alfredo. In: **Dizionario biografico degli italiani**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana Fondata da Giovanni Treccani, 2017. v. 88. Disponível em: <www.treccani.it/enciclopedia/alfredo-rocco_%28Dizionario-Biografico%29>. Acesso em: 14 dez. 2023.

VIEIRA, Gleison. **Saint-Simon e educação**: os referenciais filosóficos de educação a partir de Saint-Simon e do movimento saint-simoniano. Curitiba: CRV, 2020.